

# A IDENTIDADE QUEIXADA COMO SÍMBOLO DE MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

ANDREA VIUDE, SORAIA ANSARA

O propósito deste capítulo é tornar público o testemunho de um dos ícones do movimento dos Queixadas, trazendo à luz um pouco da história sobre a luta dos operários da Fábrica de Cimento Perus<sup>1</sup>, que foi objeto de pesquisa de Ansara (2000) sobre a memória coletiva da luta operária. Ao trazer à luz este testemunho, buscamos revelar, por meio da análise de discurso, de João Breno, a identidade dos queixadas que se construiu como forma de resistência impulsionada pela “firmeza permanente” destes operários que são até hoje um símbolo de mudança social e de incentivo à participação política.

Como afirma Ansara (2009: 241), a luta dos queixadas demarcada pelo “conflito e enfrentamento contra empresário, justiça do trabalho e governo - marcou a história do bairro e, principalmente, a vida das pessoas, influenciando as gerações que se seguiram e transformando-se, inclusive, em princípio ético de novas gerações”.

Construída em 1925 e inaugurada no ano seguinte, a Companhia Brasileira de Cimento Perus Portland (CBCPP), foi uma das primeiras fábricas no Brasil, que surge num momento específico da industrialização brasileira.

Como outras indústrias grandes da época, a empresa oferecia aos seus operários, moradias com infraestrutura (água, esgoto, energia elétrica) a preço simbólico. A CBCPP se instalou no bairro de Perus, situado a 30 km do centro de São Paulo, construindo em seu entorno algumas vilas operárias como Vila Triângulo, Portland e Vila Nova.

<sup>1</sup> Perus é um bairro localizado na zona noroeste da cidade de São Paulo.

A presença da Fábrica no bairro contribuiu para crescimento de várias áreas que foram loteadas onde foi construída várias vilas como: Vila Hungareza ou Margarida, Vila Fontão, Vila Triângulo, Vila Nova – vilas estas habitadas, inicialmente por trabalhadores da fábrica.

Os trabalhadores vinham de diferentes regiões de São Paulo (Água Branca, Lapa, Pirituba, Jaraguá), como também de vários estados brasileiros (Bahia, Pernambuco, Paraíba, Minas Gerais, Rio de Janeiro, além de trabalhadores estrangeiros (provenientes da Itália, Portugal, Hungria, Alemanha, Espanha, Argentina Iugoslávia, Rússia, Inglaterra, EUA). A presença de estrangeiros, nos primeiros anos da companhia, justificava-se em função da necessidade de trabalhadores especializados em determinadas funções (PAOLI, 1992).

Por volta dos anos quarenta, teve início o movimento dos Trabalhadores da Companhia Brasileira de Cimento Portland (CBCPP). Eles constituiriam o *Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Cimento Cal e Gesso* e, em 1946, fizeram a primeira greve. Em 1950, a empresa passou para a iniciativa privada tendo como proprietário J.J. Abdalla que assumiu o controle da companhia. Em 1954, a fábrica tinha cerca de mil trabalhadores que se dividiam entre São Paulo, onde se localiza a Fábrica, e Cajamar, distante 20 km de Perus, onde se localiza as jazidas de pedra para fabricação do cimento. Em fins desse mesmo ano, o “Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento Cal e Gesso” passou a ter assessoria jurídica do advogado Mário Carvalho de Jesus, que não só acompanhava as causas trabalhistas, mas propunha uma nova maneira de luta baseada na “não violência ativa”- que posteriormente se chamaria “Firmeza Permanente”<sup>2</sup>.

Em outubro de 1958, os trabalhadores fizeram uma greve que durou quarenta e seis dias reivindicando 40% de aumento de salário. Em 1959, foram dispensados oitenta empregados com mais de nove anos de serviço para impedir que atingissem os dez anos de casa e ganhassem estabilidade, conforme a lei lhes garantia. Desde então, aconteceu uma sequência de lutas: pela estabilidade, pelo salário família, pelo prêmio-produção, pela casa própria (ao redor da fábrica). Todas as reivindicações foram marcadas por um tipo de enfrentamento diferente, que se

2 JESUS, Mario C. (org.). A Força da Não-violência Ativa: A Firmeza Permanente, Loyola-veja, 1977.

baseava na orientação da “não violência ativa”<sup>3</sup>, cujo lema era resistir, sem usar de violência, o que significava não aceitar nenhuma provocação por parte da polícia.

Essa forma de luta deu origem ao nome “*Queixadas*”, nome este atribuído aos trabalhadores e que significa *porcos do mato que ao perceberem o perigo, reúnem-se em manadas, obrigando o inimigo a refugiar-se*. O “Sindicato dos Queixadas” - como passa a ser conhecido - chegou a sindicalizar 99% dos trabalhadores assalariados. No período de 1954 a 1961, foi criada a cooperativa do “Queixada” com a finalidade de ajudar os companheiros que tivessem algum problema de família.

Os Queixadas, em 1959, além de suas reivindicações na fábrica se solidarizavam com outras categorias ajudando-as nas greves da Rhodia, da Fiação de Tecelagem Santo André, da Usina Miranda. Seu estilo de luta inspirou a formação da Frente Nacional do Trabalho (FNT) – criada em 1960 - que procura defender todas as categorias sindicais, por meio do assessoramento jurídico e formação de lideranças sindicais.

Em 1962, os trabalhadores da Companhia Perus-Portland iniciaram um movimento grevista que se estendeu até 1969. O movimento reuniu, no início, quatro sindicatos: Alimentação de Pirajuí, Têxteis de Jundiá, Papel e Papelão de São Paulo e os Queixadas de Perus num total de 3.500 trabalhadores que apresentavam reivindicações comuns não atendidas pelo mesmo empregador: o grupo Abdalla. Esse grupo era proprietário de um grande complexo industrial, bancário e agropecuário, além de ter referências políticas que lhes davam certas regalias junto ao poder público, conforme nos aponta Gonçalves (1989).

Durante os sete anos de greve, os trabalhadores fizeram diversas campanhas para angariar fundos. Atividades que envolviam mulheres e filhos. As mulheres dos grevistas organizaram também uma cooperativa de costura para cobrir a ausência dos salários. Além disso, os Queixadas receberam recursos de algumas autoridades que eram simpáticas à causa dos trabalhadores. Vale assinalar que o estilo de luta desses operários sensibilizou a

3 Este princípio da não violência ativa foi utilizado por outros movimentos sociais na época, entretanto como aponta Ansara (2004) “havia um estilo próprio assumido pelos Queixadas que, posteriormente, foi denominado *Firmeza Permanente*. Esta proposta inspirada na filosofia de Gandhi e fundamentada em valores evangélicos tinha como princípio a resistência dos trabalhadores e a eficácia da não-violência” (p. 129).

opinião pública da época, que passa a apoiá-los. Esse período, em contrapartida, foi de grande repressão por parte do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e da polícia. O DOPS, como forma de intimidação, realizava várias “visitas” à casa dos operários (PAOLI, 1992).

Com o golpe militar de 1964, o Sindicato dos Queixadas foi um dos primeiros a ficar sob intervenção e seus dirigentes sofreram inquéritos e prisões.

Em 1967, os operários conseguiram a estipulação de multa diária para reajuste dos salários. Isso repercutiu na imprensa e no sindicalismo. Obtiveram ainda o direito de greve, garantido pelo governador do Estado. Em 1969, dos quase mil grevistas, 309 operários estáveis foram reintegrados com direito a receber os salários dos sete anos de greve.

Os Queixadas continuaram a luta denunciando as fraudes e corrupção e reivindicando a co-gestão da fábrica. As denúncias eram contra as infrações cometidas por J.J. Abdalla: contra a legislação, a burla dos direitos trabalhistas, entre outras, conforme nos aponta Gonçalves (1989).

Os inúmeros processos abertos contra o grupo Abdalla teve como resultado, no ano de 1973, o confisco parcial dos bens da Fábrica de Cimento. A União passou a administrar a fábrica. O empresário permaneceu com a posse das pedreiras, vendendo a pedra superfaturada. Isso mobilizou novamente os trabalhadores que, em 1974, pediram ao presidente Geisel, por meio de abaixo-assinado, que fosse efetivado o confisco total, o pagamento dos salários em atraso e a instalação de filtros na fábrica para acabar com a poluição provocada pelo pó de cimento (PAOLI, 1992).

Em 1974, o sindicato sofreu nova intervenção que perdurou até o ano de 1977, sendo seu advogado, Mario Carvalho de Jesus, enquadrado na Lei de Segurança Nacional (LSN). O sindicato, junto com a Frente Nacional do Trabalho (FNT), denunciou o governo brasileiro pela violação do direito de organização sindical dos trabalhadores, encaminhando a denúncia à Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em 1976, a OIT interpela o governo brasileiro que suspende a intervenção de seis sindicatos, entre eles o dos Queixadas.

A greve dos sete anos<sup>4</sup>, que terminou em 1969, foi julgada no âmbito jurídico várias vezes e finalmente, em 1975, o governo federal pagou os salários

4 Existe várias publicações (cartilhas ou revistas) – que não encontramos em outros acervos - disponível para consulta na Sede do Sindicato de Cimento, que foi tombado como patrimônio histórico.

do período de greve – 2448 dias. Os operários saíram vitoriosos tendo o patrão, J.J. Abdalla, seus bens confiscados pelo Estado. Os operários se juntaram à população de Perus para lutar contra a poluição, exigindo equipamentos para a eliminação do pó que saía da fábrica.

Em 1981, o governo federal, com o objetivo de ter suas dívidas ressarcidas, coloca a fábrica para concorrência pública. A iniciativa privada, procurando reforçar a baixa do preço que o governo propôs, não participou do leilão. O grupo Abdalla se associa ao grupo Sérgio Stefano Choffi apresentando única oferta. Os herdeiros de Abdalla conseguem, dessa forma, recuperar a fábrica.

Em 1983, a administração da Fábrica de Cimento Perus decide encerrar as atividades da pedreira dispensando cerca de 170 operários, e passou a comprar o clínquer<sup>5</sup> (pedra calcinada) da Fábrica de Cimento Santa Rita (multinacional).

Em 1984, o fornecimento de clínquer é suspenso pela Fabrica Santa Rita, interrompendo a moagem. A partir daí, a falta de matéria prima fez com que a fábrica paralisasse suas atividades inúmeras vezes.

A luta dos Queixadas foi além das simples reivindicações trabalhistas, era uma luta contra as leis trabalhistas injustas e contra as fraudes e corrupção e de solidariedade a outras categorias sindicais. Os anos oitenta foram marcados pela denúncia do cartel de cimento e pela luta junto a outros segmentos da sociedade, como por exemplo, os sem teto. A proposta dos trabalhadores era de autogestão da fábrica e o objetivo era garantir cimento mais barato para a construção de casas para a população que morava em barracos. Pouco a pouco, a constante falta de matéria prima levou ao fechamento definitivo da fábrica em 1986.

Os aposentados (ex-operários) incorporaram a luta pela preservação da ferrovia que ligava a fábrica às jazidas de pedra e do seu acervo (1987), propondo em 1989 o tombamento da Vila Triângulo (área da antiga Fábrica de Cimento) e em 1990, participando da oficina de memória desenvolvida com a assessoria técnica do Departamento de Preservação Histórica (DPH), sob a orientação da professora Maria Célia Paoli, que tinha o objetivo de assessorar os ex-operários e membros de diferentes movimentos

<sup>5</sup> Clinquer: produto resultante da mistura de pedra e argila trituradas e calcinadas (a 1500°C) matéria prima para a produção de cimento.

populares do bairro na organização e sistematização dos seus arquivos para preservação de sua memória<sup>6</sup>.

O movimento grevista de operários que perdurou sete anos ao longo da ditadura militar no Brasil (1962-1969) demonstrou capacidade de mobilização e organização para manter uma greve durante tantos anos. Luta e resistência marcaram a trajetória deste movimento organizado e mantido por sua “firmeza permanente”. Estas características, como já apontamos em outras publicações, reaparecem na memória coletiva de netos dos Queixadas, de lideranças que atuam ainda hoje no Sindicato de Cimento e de lideranças comunitárias do bairro, mostrando que este evento não “caiu” no esquecimento e de diferentes formas é ressignificado em nossos dias, seja pelo que se ouviu falar, seja pela vivência familiar, comunitária ou política, ou ainda, pela permanência da fábrica no bairro (ANSARA, 2000, 2001, 2004).

A memória construída por netos, lideranças sindicais e comunitárias é uma memória da resistência, do engajamento dos trabalhadores na luta contra a exploração numa perspectiva de mudança social e não num sentido conservador, em geral fomentado por instituições oficiais. Isso de alguma maneira demonstra o comprometimento do sindicato, das comunidades e da escola local com os movimentos sociais e aqui vale ressaltar os projetos organizados por várias escolas em Perus, envolvendo a participação com movimentos populares e comunidades eclesiais de base. A memória resgata o acontecimento real, aquilo que é vivido pelo grupo ou indivíduo e, neste sentido “*atende a um processo de mudança ou conservação*” (MONTENEGRO, 1994: 19).

O grande Legado da Greve de Perus é a construção de uma memória coletiva de luta e resistência, que é também expressão da vitória dos trabalhadores contra os atos repressivos e contra as injustiças que sofreram. Talvez porque nas memórias “contadas”, o que foi sendo transmitido de geração para geração foi aquilo que estava no centro da identidade Queixada: a “firmeza permanente” - a resistência! Resistência essa que tem, para as gerações atuais, um significado de se contrapor as injustiças sociais e as formas de repressão, pois até hoje eles são referenciais de união, organiza-

6 O DPH, na ocasião, organizou um curso de orientação a agentes populares de Perus, através da SMC. Ver Revista do Arquivo Municipal nº 200 – PMSP/SMC/DPH. Neste mesmo ano a Fábrica foi tombada como Patrimônio Histórico.

ção, solidariedade, ou seja, o oposto àquilo que a sociedade neoliberal atual promove como valor.

## O LUGAR DA INTERPRETAÇÃO: TRILHAS METODOLÓGICAS

A trajetória deste movimento operário ganha sentido com o discurso de uma de suas<sup>7</sup> principais lideranças, um dos ícones dos Queixadas: João Breno Pinto, nascido em Piedade do Bagre (atual Felixlândia), em Minas Gerais, no dia 06 de outubro de 1932. Este líder do Sindicato de Cimento de Perus chegou a Perus em 1949, tendo trabalhado como metalúrgico na extinta Fundação Progresso, no bairro da Lapa, em São Paulo (1950-1953). Segundo Siqueira (2001, 2009), foi nesta época que ele teve contato com o PCB, chegando a se integrar à agremiação clandestina. Quando da sua demissão, em 1953, que se deu em virtude de sua atuação como liderança nesta Fundação durante a “Greve dos 300 mil”, foi encaminhado ao departamento jurídico do sindicato da categoria, tendo sido atendido pelo advogado Mario Carvalho de Jesus, que até então não o conhecia. Tal advogado viria se tornar advogado do Sindicato de Cimento e um grande companheiro de João Breno, um dos nomes mais referendados na luta dos Queixadas, na defesa dos operários, na luta pela justiça e no ensinamento da “firmeza permanente”, que marcaria o estilo de luta dos Queixadas. No ano de 1954, Breno começa a trabalhar na Fábrica de Cimento de Perus na qual permaneceu até 1982, quando se aposentou. Como aponta Siqueira (2009: 165)

(...) em 1956, houve eleição da diretoria. Breno foi, nessa ocasião, indicado suplente através do que ele (em depoimento colhido para a dissertação de mestrado) chamou de – *reforma* –, uma composição política com a antiga liderança. Em 1958, Breno se tornaria diretor efetivo do sindicato durante a greve.

Desde o início de sua atuação na Fábrica participou de várias greves a de 1958, a de 1959. Assumiu a presidência do Sindicato de Cimento, em 1962, liderando a mais longa greve, de 1962 a 1969. Além de dirigir o sindicato,

7 O discurso de João Breno, pertence ao arquivo de Ansara e foi coletado por meio de entrevista realizada em 17 de maio de 1999, em sua residência. João Breno faleceu em dezembro de 2002.

atuou como dirigente na Frente Nacional do Trabalho (FNT)<sup>8</sup> em várias gestões.

Na década de 1960, foi candidato a deputado estadual pelo antigo MDB em 1966, além de ter sido preso e torturado pelo regime militar. Em 1981, integrou a comitiva que foi a Estocolmo, na Suécia, acompanhar a entrega do Prêmio Nobel da Paz ao argentino Adolfo Peres Esquivel. Em 1989/1990, no governo da Prefeita Luiza Erundina, trabalhou na Administração Regional de Perus como assessor (já era aposentado nessa altura). No período posterior, atuou na Associação dos Aposentados de Perus. (SIQUEIRA, 2009: 165)

Incansável militante, concomitantemente à sua atuação na Associação dos Aposentados, João Breno até o fim de sua vida participava das atividades das Comunidades Eclesiais de Base do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, também em Perus. Faleceu, em dezembro de 2002.

A entrevista realizada com João Breno fundamentou-se na Análise de Discurso, na linha francesa de Michael Pêcheux, na qual para esse autor o *“discurso é um efeito de sentidos entre locutores”* (ORLANDI, 2010). Nesse sentido a entrevista necessita de um roteiro prévio, cuja fundamentação refere-se ao processo sóciohistórico do sujeito com o qual se conversa. O curso da entrevista, por sua vez, terá no encontro desses sujeitos uma resignificação da entrevista. Com duração de mais de quatro horas, a conversa com João Breno ocorreu na cozinha de sua casa e iniciou-se com um roteiro de entrevistas contendo 22 abordagens do movimento Queixada, desde o processo de greve até as repercussões desse movimento nos dias de hoje.

As análises das transcrições seguiram a busca pelo sentido, pelo real sentido, lembrando que um sujeito não é produtor de um único discurso, mas, nele e por ele, operam múltiplos discursos. A análise é uma busca pelo processo discursivo, e nele se alimenta para compreender e significar o texto ou os textos nos quais essa significação se materializa.

8 A Frente Nacional do Trabalho – FNT – foi criada em 1960 com o objetivo de defender todas as categorias de trabalhadores, por meio do assessoramento jurídico e atuar na formação de lideranças sindicais.

*“Vou falar um fato que foi muito curioso do Zacarias. Ele era um companheiro de cor, disposto, muito alegre, mas, analfabeto de todo. Foi sempre um cara firme, barbaridade! De brigar mesmo, não tinha medo de nada. E deram um megafone para o Zacarias, para ele, nessa proposta já, numa das propostas que foi feita, nesse meio todo ele mexia em tudo. Então, a gente colocava dentro da proposta, a empresa atendia as reivindicações todas, no caso da (...) em si e as propostas específicas das outras categorias. O (...) colocava, aceitava as nossas reivindicações ou então nós íamos reivindicar a desapropriação da fábrica. Que foi muito simpática naquela época, foi muito simpática naquela época a desapropriação da fábrica. Mas só que não deu. Então, mas, também, nós não estávamos muito afim. Nós queríamos. Você queria, no fundo a coordenação queria esse tipo de coisa. E o Zacarias ficou trabalhando nesta banca da rua Direita. E tinha apoio: um lençol no chão; os panfletos, mas nossa como juntava! Principalmente estudantes. E um dia, a gente passava de vez em quando por ali, a gente girava por ali. E um dia eu estava passando por lá, me chamaram; a gente girava em tudo que era canto, e me chamaram e disseram: - olha está surgindo um rolo lá com o Zacarias. Eu fiquei com medo! Eu estava ali no Largo São Bento. Eu peguei e voltei lá na ponta, lá na Rua Direita e o Zacarias: “vamos ver aqui coitado!”. “...Eu acabei de discutir com um Sr. ali! Aí foi assim, assim, ele veio me ensinar a falar e eu não vou levar isso para casa não! eu vou dar a resposta para ele”. Aí, o (...) fora ali, os companheiros nossos que estavam na banca também, até as pessoas que estavam participando daquilo informaram como é que foi o negócio. Então, é o seguinte: que o Zacarias estava falando mais ou menos isso, não dá para mim repetir as palavras certas, dizia ele mesmo: “ou atende as nossas reivindicações ou então nós de acordo com artigo 36, “sarrafo”, não estou lembrando o número, artigo 36 e sarrafo, não estou me lembrando qual era, que era o “parágrafo”, 90, não sei se era isso, nós vamos desapropriar a fábrica!. Ele era eloquente, saía andando daqui para lá, era muito divertido. Aí criou um rolo! E o cara enguiçou com ele, daí diz que o Zacarias falou: oh! o Sr. quer saber o seguinte? quem o Sr. é? – Não importa quem eu sou! – Eu acho que fica feio para vocês. “o que é que fica feio para nós é nós mesmo que sabemos!”. Zacarias! Isso para mim foi o máximo. De todas as coisas que houve, para mim isso foi o máximo partindo do Zacarias. E aí o cara quis contestar e a turma juntou toda e o pau ficou armado, a plateia aumentou e a propaganda subiu mais. O ibope! E aí ele disse: não é sarrafo é parágrafo!*

O Zacarias falou: *quer que eu te diga para você uma coisa: cala a boca! Você conheceu o Zacarias? Ele é assim meio estourado, mas não era de briga. Era estourado, falava alto, aquele jeitão, gesticulando. “Cala a boca! Eu estou falando para o povo!”. Se fosse o povo que estivesse dizendo isso eu ia ter uma aula com você. Era inteligente, tinha um pessoal bom! Era analfabeto! Se fosse o povo todo que estivesse falando eu ia até escutar, mas é só o Sr. que está falando! Então eu vou consultar o povo: Vocês concordam que é sarrafo? – É sarrafo! Vocês estão entendendo? – Estamos! O povo entendeu, então, o Sr. pínica!. Isso era um escândalo naquela época, Soraia. Hoje até..., mas naquela época o Zacarias. Espetacular”* (João Breno, 1999).

Em meio a tantas possibilidades de iniciar suas memórias sobre a greve de 1962 a 1969, João Breno, uma das lideranças dessa mobilização escolheu o relato de um fato vivenciado pelo seu companheiro Zacarias. Interessante escolha, pois nessa passagem múltiplos discursos se apresentam e se relacionam de modo importante com a identidade queixada. Um discurso muito presente em movimentos de greve é o da desqualificação do grevista por sua baixa ou inexistente educação formal. No caso de Zacarias esse fato fica evidente pelo não domínio da norma culta da língua portuguesa, decorrente tanto do analfabetismo como também de um reduzido vocabulário, observado pela troca vocabular de “*parágrafo*” por “*sarrafo*”. Ao ser questionado sobre seu domínio linguístico, Zacarias não cede ao discurso hegemônico da educação formal como requisito para a comunicação e constrói pela identidade socio-cultural, com seus interlocutores na Rua Direita, suas respostas. Em primeiro lugar ao dizer “*o que é que fica feio para nós é nós mesmo que sabemos!*”, nesse momento fica circunscrito os limites de identidades, o pertencimento a um grupo, com possibilidades de significados culturais que os unem, fortalece ações, mesmo por sujeitos que em outros cenários poderiam se sentir intimidados por outros interlocutores detentores da norma culta. Na sequência Zacarias utiliza a identidade com o povo que o ouvia, buscando nesse grupo, que não o dos queixadas a possibilidade de compreensão de sua fala, o que ocorre e que lhe fornece possibilidade de exercer o poder, antes nas mãos do detentor da norma culta e agora, depois do desvelamento público dos discursos identitários dos queixadas e do povo, nas mãos do negro, analfabeto, queixada e do povo.

Nesse exercício de participação, João Breno nos mostra também como ela é política, ao questionar como os lugares de poder se modificam na ressigni-

ficção dos sujeitos pela militância. Nesse sentido ele nos explica como as ideias de não violência, à luz de Gandhi, permeiam o movimento de greve, e que passa a ser reconhecido como Firmeza Permanente.

*“O único que colocou pela primeira vez de Gandhi foi o Padre Bianchi. O padre Bianchi colocou que não esgotou todos os recursos. “...Esgotando todos os recursos pode-se até matar!...”. O Bianchi falou isso. Não aguardei tudo o que ele disse. Mas, o essencial a gente guarda. Duas pessoas falou isso para nós. Depois, posteriormente, o Dom Jorge Marques de Oliveira falou isso para nós. Segura isso aí que depois eu vou contar isso para você. Aí ele falou: “esgotando todos os recursos de uma camada social pode-se até matar”. O Biachi falou, naquela época. E aí ele explicou: - vocês já ouviram falar de Gandhi? Ele começou a falar um pouco sobre Gandhi, sobre o jejum, abstinência, etc. até aí não pegou muito. Mas, qual foi o exemplo que ele deu do Gandhi, agora me fugiu! Eu queria falar e me perdi. Depois eu acabei me metendo no meio do Gandhi também, mas eu dei um ponto do Gandhi lá, sobre não matar. Sobre em primeiro lugar está (...), aí ele falou: - é a não violência!. Depois o Mário sim, o Mário criou a “firmeza permanente”. Eu acho que é bem mais avançado. Foi o Mário mesmo, o Mário que inventou. Não digo que é mais avançado, acho que é mais atual. E Dom Paulo assinou em baixo da “firmeza permanente”. Eu sei que naquilo tudo ele falou. Eu quero propor para vocês; não lembrei as palavras dele! E depois ele falou assim: tem o seguinte – jejum! Oração! Oração o que é que é? não é só repetir as palavras, são atos. Naquela época, um (...) ruim! Hoje nós estamos bom demais. Por isso é que eu falo um Bianchi naquela época. E aí pegou a discussão em cima disso. Aí foi quando marcamos, para o Natal, foi quando marcamos lá a assembleia decidiu, o padre Bianchi deu a linha e a assembleia decidiu um jejum, um jejum em praça pública. Aonde seria? – não vou entrar em detalhes senão vai longe. Mas houve a participação da assembleia e aí voltou, interessante!, voltou a alegria na assembleia!” (João Breno, 1999).*

A Firmeza Permanente, um desenvolvimento da prática de não violência, é uma das características dos Queixadas. Entendido como resistência permanente, permitiu aos grevistas sobreviverem ao longo dos sete anos de greve. A resistência não foi restrita aos operários, suas famílias sentiram e muito os efeitos dessa greve, e com a mesma resistência registraram sua impor-

tância nessa história. A seguir na fala de João Breno teremos discursos de gênero, de militância e solidariedade.

*“Agora, eu não quero é continuar nessa linha que está meia periférica. Porque tem o miolo da questão, também, que eu acho que é importante. O miolo é o seguinte, por exemplo falar desse pessoal que não estava participando nessa altura que nós estávamos e que teve o seu papel, principalmente as mulheres; não é porque você está me entrevistando. Principalmente as mulheres. ... Então, por exemplo que eu falei para você da dona Iolanda. Eu vou falar da dona Iolanda que era a esposa do 2º tesoureiro do sindicato, Rafael Fernandes. Essa Dona Iolanda quando começou, que a coisa piorou mesmo; tem aqueles que vão aguentando, aguentando, sem pegar os recursos da greve. Tem uns que já logo no começo, e tem até nego também; e a gente sabia disso, porque o ser humano é assim, não quer dizer que todos, mas o ser humano é assim. Eu não fui e voltei para trás tantas vezes! E daí? E outras coisas mais! E o seguinte: tinha famílias e aí nesses casos é as mulheres, que geralmente os homens estavam rolando; e as mulheres tinham muitas que participavam, tinham as atividades das mulheres também, que não vinham na sede para pegar, como é que se fala? Eu não estou lembrando a palavra, a ajuda do povo que deixava. (Famílias) Não vinham (buscar), não vou dizer por orgulho, até mesmo por dizer: deixa para fulano, deixa para sicrano. Então, daí, essa dona Iolanda, eu não sei como é que foi que ela descobriu. Mas, conhecendo a dona Iolanda como eu conheci, ela sondou e viu que tinha muitas famílias que não pegavam nada e que estavam precisando. E descobriu que muitas que pegavam, talvez até podia ter deixado um pouco. Era sozinha percebeu isso. Ela veio conversar com a gente, era legal a Dona Iolanda. Espírita, daquelas mesmo de fazer os despachos junto com o Zacarias: - o João Breno não gostava! Até tem uma fita que ele gravou, ele falou assim: - o João Breno não gostava! Eu ia fazer os despachos, mas bem que ele ia rezar lá na igreja dele! Aí essa Dona Iolanda, veio propor, ela era muito humilde: - não sei, o que é que vocês vão achar, mas eu estava pensando se vocês não acham que era bom reunir umas companheiras aí. Naquele tempo não falava companheira não. Companheiro veio depois, no tempo do PT e mesmo assim não é tão companheiro não! É verdade né Soraia. De reunir algumas donas de casa eu me disponho a fazer isso, junto! Sozinha não! porque eu não posso julgar ninguém. E nem 3 companheiras juntas podem julgar, mas uma ajuda a outra. E nós sair nas casas das pessoas para saber se está faltando alguma coisa em casa. Ela já tinha todo plano que ela tinha organizado ela mesma, e ela já tinha passado...*

*Então, nós tudo bem, tudo bem dona Iolanda a ideia é ótima. Mas será que isto está acontecendo? – Vocês não sabem! Quer dizer que eu posso? - Falei: Meu Deus do céu! Não precisa nem perguntar se pode. Acho que isso foi uma das coisas mais sérias que teve. Quer dizer, não vou dizer que foi a mais séria, mas foi muito importante. Então, a Dona Iolanda começou a correr as casas mesmos e conversar com as pessoas e, chegou ela mesmo a ir levar nas casas; e a gente nem perguntou porque é que era, não havia razão de perguntar. Talvez a dona da casa lá não tivesse mesmo a coragem. Não sei se é coragem, a gente não é adivinho, para pegar. Ela tomou conta daquilo, e foi indo e o negócio era tudo controlado”(João Breno, 1999).*

A solidariedade entre as mulheres, o reconhecimento do trabalho delas no movimento e a experiência que se construiu ao longo dos sete anos foram fundamentais para a união dos grevistas, união esta muito significativa para o líder do movimento.

*“Que lembranças mais significativas: eu acho que a mais significativa para mim foi o símbolo da, o símbolo não! foi a união dos trabalhadores coisa que a gente estava começando uma greve; motivo fez com que eu entrasse na greve e no fundo eu não esperava que essa greve fosse durar aquele tempo todo. Eu nunca pensei que fosse durar aquele tempo todo e, de repente demora tanto tempo, com tanto vai e vem, com tanto encontros e desencontros e a gente manter 92%, 93% de companheiros unidos praticamente até o fim, até enquanto todos estavam fora, até voltarem todos ao trabalho depois de muito tempo. Eu acho que isso foi um dos pontos mais significativo que eu percebi. Que nunca me passou pela cabeça. A gente pensava que entrava numa greve, amanhã ou depois podia até ser de um jeito ou de outro a greve, mas que amanhã ou depois ela ia terminar. Esse amanhã ou depois eu nunca pensei que fosse levar o tempo que levou. Então, eu acho que o mais significativo foi esse”(João Breno, 1999).*

O desejo de mudança, não apenas uma mudança individual, mas sobretudo coletiva, com melhorias de condição de trabalho foram a motivação para a entrada de João Breno na greve, retomando o discurso identitário, agora como trabalhador.

*“Qual foi a minha principal motivação em participar e em contribuir com a greve? A minha principal motivação é porque eu era trabalhador, né? Então*

*havia uma injustiça muito grande com todos nós; esse era um motivo para eu ficar motivado. Uma parte grande, não vou dizer que todos estavam motivados, mas quando eu senti alguns motivados para aquilo eu também estava motivado. E essa era uma motivação muito grande” (João Breno, 1999).*

Entre todas as injustiças que motivavam os trabalhadores, talvez a mais dolorida era a condição de trabalho que podia levar à morte. Em sua fala, João Breno narra a perda de um companheiro, longe de ser fato isolado, a morte, companheira dos trabalhadores fortalecia o discurso de proteção ao trabalhador.

*“... E eu estou chegando lá e eu vi a mulherada toda apavorada. Ficava tudo pertinho, as casas. E a mulherada toda apavorada e a turma conhecia a gente. E eu foi bom chegar: - está acontecendo isso e aquilo... você não escutou o barulho? Não, não escutei não! Já fiquei apavorado – o que é que é? o que é que não é? aí corri para lá. A gente entrava na pedreira. Corri para lá. Aquele rolo todo e aí quando eu corri para lá vem correndo o Zelão. Lembro bem do Zelão, negão alto, sossegado . Nesse dia ele vem correndo e vira para mim e diz: Breno, Breno! Puxa! Você viu o que aconteceu? Eu não vi nada. O que é que foi que aconteceu? Ele falou: os marreteiros entraram e justo quem João Breno? Justo quem? – Ele ficava falando – Fala logo quem é? lembro bem. Nossa! eu lembro disso bem. Ele falou: O Amaro! O Amaro o que? O Amaro na 1ª marroada ele achou o veio! Tinha um nome eu não sei se era “matacão”, eles falavam da pedra. Ele achou o veio e na 1ª marroada que ele deu o dinamite tinha falhado e bateu na espoleta... A turma está catando os pedaços dele. Eu me lembro disso e me arrepio. Quantos anos faz isso? Eu conhecia a mulher dele, os filhos. Tinha um que tinha apelido (...), era amigo dos meus moleques e, depois, veio morar para cá da Purificação. Então, você vai ver. E depois, teve outros casos. O que eu mais senti não é o que eu mais senti, porque quando a gente não vê a gente não se impressiona. A gente senti. Eu não vi a explosão, mas eu vi lá catar os pedaços dos companheiros. Então, você vê como eram as coisas naquela época...” (João Breno, 1999).*

Com todas essas experiências, resistência das mulheres, péssimas condições de trabalho, risco eminente de morte imagina-se que os queixadas são por natureza corajosos e destemidos. Um discurso de medo poderia manchar a

reputação de um líder, ou mesmo desmoralizá-lo diante de seu grupo. Mas quando ele nos relata ser medroso o sentido de seu discurso nos evidencia um homem comum, com ideais, família, emprego e que tinha medo. Sua escolha poderia ter sido dizer “eu não tenho coragem” porém sua fala foi “eu sou medroso”. Essa escolha aproximava esse homem dos demais, que poderiam idealizar como um grande corajoso, mas os atraía por seu medo, tão presente naquela época. O uso de medo ao invés de falta de coragem pode nos levar a pensar sobre o tempo vivido durante o período de greve. Momento em que não se questionava a hegemonia dos patrões e momento também da ditadura militar, onde imperava o medo. Coragem não era palavra que se empregava, o medo sempre estava presente.

*“E o Mário vem: João Breno... contando as coisas, explicando exemplo, onde ele esteve, como é que foi, como é que não foi. Passando a lição a limpo. E ele corria muito no carro. E quanto mais ele conversava e começava a se entusiasmar... mas ele colocava o pé. E eu era medroso, eu sou medroso. Aí eu falei tem que segurar o Mário. Aí ele estava falando, um pouco colocava e eu já conhecia a vida dele. Aí eu falei: Mário! Ele falou: o que. Aí ele deu uma parada no carro subindo aqui a curva da (...), lembro bem! Ele subindo a curva da (...). Mário você está falando esse monte de coisa, eu já vi muita coisa que você fez, que a gente está junto e coisa e tal. Agora eu fico pensando, você está falando e eu estou remoendo o que você está falando, Mário eu já vi tanta gente falar, não tanto que nem você e não no sentido que você fala. (...) ele baixou a cabeça e se sentiu (...). Tenho impressão que foi isso, é tanto que depois ele chegou a falar isso para outras pessoas. E eu falei, uma grande parte de pessoas assim entusiasmada, fala tudo isso, daquilo e depois vão desanimando ou se cansam, fui colocando uma porção de coisa, e depois vira tudo como era antes. E não vai para frente. Aí ele me deu uma, mas aí é que eu grudei mais. Deixa eu ver se me recordo. Eu tenho isso naquele livro de testemunha. Aí ele virou e falou para mim: João Breno, tocou o carro, o carro mais devagar, foi e pensou bastante. Quando ele está pensando é gozado: ele diminui a marcha e encolhia a cabeça. João Breno você me fez uma pergunta muito séria e oportuna. Eu sou um instrumento de Deus! Eu me considero um instrumento de Deus...Eu sou um instrumento de Deus e tenho um compromisso com os meus irmãos operários. Enquanto houver quem acredita nessa proposta estarei firme. Aí quem balançou fui eu” (João Breno, 1999).*

Em uma avaliação sobre os efeitos da greve João Breno nos fala sobre sua família e sua constante ausência, sua confiança na esposa e seu maior compromisso, a grande família, em referência aos companheiros. Aqui manifestam-se o discurso de valores, o valor da mulher que diferentemente do homem conhece seu lugar na família, o valor do trabalho, que pode colocar em segundo plano a família e o valor de pai, que não ultrapassa a questão genética.

*“Na consciência política e nisso tudo. Porque não que eu quisesse fazer isso. Porque eu não tive tempo para os meus filhos, nem para a minha mulher. Não tive tempo. Se eles pegaram alguma coisa foi por eles próprio. Se algum deles sente alguma revolta; eu sei que sente, embora eles gostem da gente como pai, foi eles mesmos que pegaram. E eu não posso criticar nenhum dos meus filhos. Agora com isso também, não é porque eles não quisessem que eu fizessem que eu deixava de fazer. Eu acho que o compromisso maior é com a grande família. Mas nem nunca deixar, por exemplo, abandonada a minha família. Embora eu deixei, mas eu sabia a mulher que tinha.”* (João Breno, 1999).

Ainda refletindo sobre a greve dos Queixadas, João Breno fala sobre a atual situação de Perus, sem oferta de emprego o bairro vive na e pela saudade da fábrica, com ela os empregos existiriam, prevalece nessa ausência do discurso favorável à greve, a presença de um discurso hegemônico pela presença do capital.

*“Isso é complexo (importância da greve para Perus). Criou uma polêmica muito grande e ainda é polêmica até hoje. Até hoje a maioria da população mais antiga em Perus e a população menos esclarecida, apesar de ter tido a greve aqui e o povo acostumado a estar ouvindo os donos de Perus, os coronéis. Então, a palavra desse pessoal era palavra de ordem. Então o forasteiro aqui não tinha vez. E isso para eles está escrito. Então, eles insistem que fechou a fábrica de cimento se ela estivesse virando não estava esse desespero. Desespero em Perus não tem uma visão mais ampla. Desespero em Perus é só ver o desespero e a fome em Perus. Está restrito ao bairro e vai por isso na cabeça. Então foi por ter fechado a fábrica. Em certos aspectos até tem sentido. Não teria! Se tivesse boas escolas aqui desde o começo e uma discussão mais aberta. Porque no fundo no fundo a fábrica de cimento foi Perus. Ela chegou*

*antes de Perus. O Abdalla disse uma vez isso nas nossas reivindicações contra o pó. Quem tiver incomodado que se mude. Porque a fábrica chegou aqui primeiro do que o povo” (João Breno, 1999).*

Exemplo de que a mudança é um processo e não uma imposição, João Breno nos mostra como ao longo de toda sua vida deu-se a transformação de sua relação com a fábrica, do ódio ao amor, ele nos conta que o processo de identidade do trabalhador com seu local de trabalho é uma das condições para a mudança, e que a memória coletiva tem lugar de destaque nesse caminhar.

*“Quando eu aposentei eu sai já com sequelas da fábrica de cimento e eu ainda raciocinava assim, Soraia: essa fábrica é uma desgraça! Eu nunca mais vou passar na porta dessa fábrica... fiquei muito sem passar. Não passava na porta da fábrica.” (João Breno, 1999).*

*“Até que depois, você vê como é as coisas; aí é que eu fico mais pensando quanto tempo foi perdido. Daí, no governo da Erundina, e que foi levantado esse problema da história, da memória e que a gente começou a estar conversando, a gente começou a ver os companheiros falar, a empolgação de alguns companheiros; tudo companheiro antigo, enfim e eu sei lá! A conversa mesmo com o pessoal mais comprometido; quando começou ver isso, então, para mim foi uma mudança total. Eu que achava a fábrica um monte de ferro velho, hoje acho uma beleza, fico doido de ver como é que estão fazendo com a fábrica. Eu acho que é por aí. Eu fui vendo a importância, não é voltei, é que estou aprendendo, nem foi voltar! Eu lutei que nem um ser irracional que estava sendo explorado, junto com a maioria, mas foi a briga da exploração contra a exploração, sem nada; quer dizer se não tem uma pessoa de cabeça, se surge aí um oba oba, como surgiu, e coisa e tal, mas se o negócio vai para uma consequência maior, a gente era capaz até de morrer, você está entendendo? Mas em defesa de que? – Nem era do trabalho! Como passou o tempo! Passou o tempo e é por isso é que eu acho, que eu acredito numa virada desse país, mas de que a militância seja militância mesmo. E que não entra aí no oba oba! A gente vê até hoje que é oba oba, e as vezes as pessoas pensam que não é oba oba. E mesmo sem oba oba, fazendo um trabalho sério eu acho que; porque não adianta, ao meu ver, não adianta medidas paliati-*

*vas. Agora para pegar uma medida que não seja paliativa tem que ter o povo preparado.”(João Breno, 1999).*

Militância e participação precisam ser aprendidos. João Breno destaca esses dois aspectos como necessários para a mudança social. Isso permitiria a compreensão do acesso ao poder, assim como o poder em si. Nesse momento ele relata o período de greve na ditadura militar, os medos, a pressão e as constantes tentativas de encerrar o movimento.

*“Agora, o que foi na ditadura militar é que a repressão aumentou. E ela começou por aqui também, vindo de cima. Apesar deles saberem tudo que tinha acontecido e, apesar de não ter feito tanta pressão a nível de exército, a nível de governo. A pressão era de força pública e polícia civil. Não era a nível de estado. Depois a pressão era outra. Aí um dos primeiros a ser preso foi o Mário, na ditadura militar. O nosso sindicato foi o 1º sindicato a sofrer intervenção. Já tinha tido intervenção anterior, depois voltou a ter intervenção... Em plena greve. Sumiram com documentos nossos, queimaram documentos. Eles falam que não. Mas a gente soube porque o povo contava. Ali era mato em volta do sindicato; eles fizeram uma fogueira e queimaram”.* (João Breno, 1999).

Apesar do poder do patrão, apesar da ditadura militar, apesar do longo tempo, os queixadas resistiram. Resistiram os operários, resistiram as mulheres, os filhos e a sociedade. Hoje tudo resiste na memória, a identidade permanece. João Breno reconhecia a importância de uma memória coletiva desse movimento. Colaborava para com pesquisas, registrando assim a memória da greve e a memória dos Queixadas.

*“Representa muito (Os Queixadas). Aí dá para gente perceber. Incrível a gente não esperava isso! Você vê falar de queixada até em cidade do interior. Você vê falar de queixada no meio sindical. No meio do sindicalismo pelego(?) a turma fala “o sindicato dos queixadas”. Correspondência vem: - Associação dos queixadas. Então, seja como for ou acreditem ou não, se eles não acreditassem, alguma coisa não representasse para isso virou um símbolo. Virou um símbolo Soraia. Virou porque, eu não guardo. Sou relaxado para burro! Mas tem um monte de livros pequenos que saíram por aí, até de esquerda que eles*

*colocam coisa de queixada. Não estórias, não dão (...) é só... colocam algumas coisinhas... Eu era queixada se fosse agora. Eu não saí do movimento. O meu grande drama é como eu vou deixar o movimento, embora está uma merda e eu me sinto responsável por isso, porque não estou conseguindo fazer nada (saúde) . Eu sou queixada e vou ser até morrer”.* (João Breno, 1999).

Queixada até o fim, João Breno morreu em dezembro de 2002, mas permanece vivo na memória de uma das maiores greves do país, tornando-se símbolo de mudança social e participação política, sobretudo por todas suas conquistas que se deram por meio da “Firmeza Permanente” .

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARA, S. **Repressão e Lutas Operárias na Memória Coletiva da Classe Trabalhadora em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 2000.

ANSARA, S. Memória Coletiva: um estudo psicopolítico de uma luta operária em São Paulo. **Revista de Psicologia Política**. 1. (2). (pp. 29-52), 2001.

ANSARA, S. Memória Coletiva e Cidadania: resgatando a luta por direitos. **Cadernos de Psicologia**. 13. (pp. 123-141), 2004.

ANSARA, S. O legado da greve de Perus: lembranças de uma luta operária. **Cadernos CERU**. 20 (1). (pp. 241-256), 2009.

GONÇALVES, A. J. **“Perus”: A violência dos pacíficos – “Uma Nova Arma para uma Velha Luta**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP. 1989.

JESUS, Mario C. (org.). **A Força da Não-violência Ativa: A Firmeza Permanente**, Loyola-Veja, 1977.

JESUS, Mário Carvalho. Cimento Perus – 40 anos de ação Sindical transformam velha fábrica em Centro de Cultura Municipal. **Cadernos para Mudar** 2, JMJ, 1992.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Ed. Pontes, São Paulo, 2010.

PAOLI, Maria Célia, Memória História e Cidadania: O Direito ao Passado, In. **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**, São Paulo: Departamento Patrimônio Histórico, 1992.

SIQUEIRA, Elcio. **Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus: contribuição para uma história da indústria pioneira do ramo no Brasil (1926-1987)**. Dissertação de Mestrado em História Econômica. UNESP, Araraquara, SP, 2001.

SIQUEIRA, Elcio. **Melhores que o patrão: a luta pela cogestão operária na Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus (1958-1963)**. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2009.